A MENSAGEM DE SILO

Nota dos impressores.

A Mensagem dada por Silo em julho de 2002, consta de três partes: o Livro, a Experiência e o Caminho.

O Livro é conhecido já faz tempo como “O Olhar Interior”.

A Experiência está proposta através de oito cerimônias.

O Caminho é um conjunto de reflexões e sugestões.

Nesta recopilação está a Mensagem completa. Circula impressa e através das redes informáticas.

Silo. Segunda recopilação, 2007

O LIVRO

I. A MEDITAÇÃO

1. Aqui se conta como se converte o sem-sentido da vida em sentido e plenitude.

2. Aqui há alegria, amor ao corpo, à natureza, à humanidade e ao espírito.

3. Aqui renega-se os sacrifícios, o sentimento de culpa e as ameaças do pós-túmulo.

4. Aqui não se opõe o terreno ao eterno.

5. Aqui fala-se da revelação interior à que chega todo aquele que cuidadosamente medita em humilde busca.

II. DISPOSIÇÃO PARA COMPREENDER

1. Sei como te sentes porque posso experimentar teu estado, mas tu não sabes como se experimenta o que digo. Por conseguinte, se te falo com desinteresse daquilo que faz feliz e livre ao ser humano, vale a pena que tentes compreender.

2. Não penses que vais compreender discutindo comigo. Se crês que contrariando isto, teu entendimento se aclara, podes fazê-lo, mas não é esse o caminho que corresponde neste caso.

3. Se me perguntas qual é a atitude que convém, te direi que é a de meditar em profundidade e sem pressa o que te explico aqui.

4. Se replicas que tens coisas mais urgentes em que ocupar-te, responderei que sendo teu desejo dormir ou morrer, nada farei para opor-me.

5. Não argumentes tampouco que te desagrada meu modo de apresentar as coisas, porque isso não dizes da casca quando te agrada o fruto.

6. Exponho do modo que me parece conveniente, não do que seria desejável para aqueles que aspiram às coisas afastadas da verdade interior.

III. O SEM SENTIDO

Em muitos dias descobri este grande paradoxo: aqueles que levaram o fracasso em seu coração puderam vislumbrar o último triunfo; aqueles que se sentiram triunfadores ficaram no caminho como vegetais de vida difusa e apagada. Em muitos dias cheguei eu à luz, desde as mais obscuras trevas, guiado, não por ensinamento, mas por meditação.

Assim me disse ao primeiro dia:

1. Não há sentido na vida se tudo termina com a morte.

2. Toda justificativa das ações, sejam estas depreciáveis ou excelentes, é sempre um novo sonho que deixa o vazio adiante.

3. Deus é algo não seguro.

4. A fé é algo tão variável como a razão e o sonho.

5. "O que se deve fazer" pode-se discutir totalmente, e nada vem definitivamente em apoio das explicações.

6. A "responsabilidade" daquele que se compromete com algo não é maior que a responsabilidade daquele que não se compromete.

7. Movo-me segundo meus interesses, e isto não me converte em covarde, mas tampouco em herói.

8. "Meus interesses" não justificam nem desacreditam nada.

9. "Minhas razões" não são melhores nem piores que as razões de outros.

10. A crueldade me horroriza, mas nem por isto e em si mesma é pior ou melhor que a bondade.

11. O dito hoje, por mim ou por outros, não vale amanhã.

12. Morrer não é melhor que viver ou não haver nascido, mas tampouco é pior.

13. Descobri, não por ensinamento, mas por experiência e meditação, que não há sentido na vida se tudo termina com a morte.

IV. A DEPENDÊNCIA

O dia segundo:

1. Tudo o que faço, sinto e penso, não depende de mim.

2. Sou variável e dependo da ação do meio. Quando quero mudar o meio ou meu "eu", é o meio que me muda. Então, busco a cidade ou a natureza, a redenção social ou uma nova luta que justifique minha existência... Em cada um desses casos, o meio me leva a decidir por uma ou outra atitude. De tal maneira, meus interesses e o meio aqui me deixam.

3. Digo, então, que não importa o quê ou quem decide. Digo nessas ocasiões que tenho que viver, já que estou em situação de viver. Digo tudo isto, mas não há nada que o justifique. Posso decidir-me, vacilar ou permanecer. De qualquer modo, uma coisa é melhor que outra provisoriamente, mas não há "melhor" nem "pior" em definitivo.

4. Se alguém me diz que aquele que não come morre, lhe responderei que assim é, de fato, e que está obrigado a comer acorrentado por suas necessidades, mas não acrescentarei a isto que sua luta por comer justifica sua existência. Tampouco direi que isto seja mal. Direi, com simplicidade, que trata-se de um ato individual ou coletivamente necessário para a subsistência, mas sem sentido no momento em que se perde a última batalha.

5. Direi, além disso, que me solidarizo com a luta do pobre, e do explorado e do perseguido. Direi que me sinto "realizado" com tal identificação, mas compreenderei que nada justifico.

V. SUSPEITA DO SENTIDO

O dia terceiro:

1. Às vezes, tenho me adiantado a fatos que depois aconteceram.

2. Às vezes, tenho captado um pensamento distante.

3. Às vezes, tenho descrito lugares que nunca visitei.

4. Às vezes, tenho contado com exatidão o sucedido em minha ausência.

5. Às vezes, uma alegria imensa tem me envolvido.

6. Às vezes, uma compreensão total tem me invadido.

7. Às vezes, uma comunhão perfeita com tudo tem me extasiado.

8. Às vezes, tenho rompido meus devaneios e tenho visto a realidade de um modo novo.

9. Às vezes, tenho reconhecido, como se visse novamente, algo que via pela primeira vez.

...E tudo isso tem me dado o que pensar. Dou-me conta de que, sem essas experiências, não poderia ter saído do sem-sentido.

VI. SONO E DESPERTAR

O dia quarto:

1. Não posso tomar por real o que vejo em meus sonhos; tampouco o que vejo em semi-sono; tampouco o que vejo desperto, mas devaneando.

2. Posso tomar por real o que vejo desperto e sem devaneios. Isto não se refere ao que registram os meus sentidos, mas sim às atividades de minha mente quando se referem aos "dados" pensados. Porque os dados ingênuos e duvidosos são entregues pelos sentidos externos, e também pelos internos, e também pela memória. O válido é que minha mente sabe disso quando está desperta e crê nisso quando está adormecida. Raras vezes percebo o real de um modo novo e então compreendo que aquilo que se vê normalmente se parece com o sono ou se parece com o semi-sono.

Há uma forma real de estar desperto: é a que tem me levado a meditar profundamente sobre o que foi dito até aqui e que é, além disso, a que me abriu a porta para descobrir o sentido de todo o existente.

VII. PRESENÇA DA FORÇA

O dia quinto:

1. Quando estava realmente desperto, ia escalando de compreensão em compreensão.

2. Quando estava realmente desperto e me faltava vigor para continuar a ascensão, podia extrair a Força de mim mesmo. Ela estava em todo o meu corpo. Toda energia estava até nas menores células de meu corpo. Esta energia circulava e era mais veloz e intensa que o sangue.

3. Descobri que a energia concentrava-se nos pontos de meu corpo quando estes estavam em atividade, e que se ausentava quando neles não havia ação.

4. Durante as enfermidades, a energia faltava ou se acumulava exatamente nos pontos afetados. Porém, se conseguia restabelecer-lhe a passagem normal, muitas enfermidades começavam a retroceder.

Alguns povos conheceram isto e atuaram restabelecendo a energia mediante diversos procedimentos, hoje estranhos a nós.

Alguns povos conheceram isto e atuaram comunicando essa energia a outros. Então, produziram-se "iluminações" de compreensão e até "milagres" físicos.

VIII. CONTROLE DA FORÇA

O dia sexto:

1. Há uma forma de dirigir e concentrar a Força que circula pelo corpo.

2. Há pontos de controle no corpo. Deles depende o que conhecemos como movimento, emoção e idéia. Quando a energia atua nesses pontos, produzem-se as manifestações motrizes, emotivas e intelectuais.

3. Conforme a energia atue mais interna ou superficialmente no corpo, surge o sono profundo, o semi-sono, ou o estado de desperto... Seguramente, as auréolas que rodeiam o corpo ou a cabeça dos santos (ou dos grandes despertos) nas pinturas das religiões, aludem a esse fenômeno da energia que, em certas ocasiões, manifesta-se mais externamente.

4. Há um ponto de controle do estar-desperto-verdadeiro e há uma forma de levar a Força até ele.

5. Quando se leva a energia a esse lugar, todos os outros pontos de controle movem-se de modo alterado.

Ao entender isso e lançar a Força a esse ponto superior, todo o meu corpo sentiu o impacto de uma energia enorme e ela golpeou fortemente em minha consciência, e ascendi de compreensão em compreensão. Mas também observei que podia descer para as profundezas da mente, se perdesse o controle da energia. Recordei, então, as lendas sobre os "céus" e os "infernos" vendo a linha divisória entre ambos estados mentais.

IX. MANIFESTAÇÕES DA ENERGIA

O dia sétimo:

1. Esta energia em movimento podia "tornar-se independente" do corpo, mantendo a sua unidade.

2. Esta energia unida era uma espécie de "duplo corpo" que correspondia à representação cenestésica do próprio corpo no interior do espaço de representação. Da existência deste espaço, assim como das representações que correspondiam às sensações internas do corpo, as ciências que tratavam sobre os fenômenos mentais não davam notícia suficiente.

3. A energia desdobrada (quer dizer: imaginada como "fora" do corpo ou "separada" de sua base material) dissolvia-se como imagem ou representava-se corretamente, dependendo da unidade interna que tivesse quem assim operava.

4. Pude comprovar que a "exteriorização" dessa energia que representava ao próprio corpo como "fora" do corpo, se produzia já desde os níveis mais baixos da mente. Nesses casos, acontecia que o atentado contra a unidade mais primária da vida provocava essa resposta como salvaguarda do ameaçado. Por isto, no transe de alguns médiuns cujo nível de consciência era baixo e cuja unidade interna estava em perigo, estas respostas eram involuntárias e não reconhecidas como produzidas por eles mesmos, mas sim atribuídas a outras entidades.

Os "fantasmas" ou "espíritos" de alguns povos ou de alguns adivinhos não eram senão os próprios "duplos" (as próprias representações) daquelas pessoas que se sentiam tomadas por eles. Como seu estado mental estava obscurecido (em transe), por haver perdido controle da Força, sentiam-se manejadas por seres estranhos, que às vezes produziam fenômenos notáveis. Sem dúvida, muitos "endemoninhados" sofreram tais efeitos. O decisivo era, então, o controle da Força.

Isto variava por completo, tanto minha concepção da vida corrente, como da vida posterior à morte. Por meio desses pensamentos e experiências, fui perdendo fé na morte e, desde então, não creio nela, assim como não creio no sem-sentido da vida.

X. EVIDÊNCIA DO SENTIDO

O dia oitavo:

1. A real importância da vida desperta tornou-se patente para mim.

2. A real importância de destruir as contradições internas me convenceu.

3. A real importância de manejar a Força, a fim de lograr unidade e continuidade, encheu-me de um alegre sentido.

XI. O CENTRO LUMINOSO

O dia nono:

1. Na Força estava a “luz” que provinha de um “centro”.

2. Na dissolução da energia havia um distanciamento do centro e em sua unificação e evolução, um correspondente funcionamento do centro luminoso.

Não foi estranho para mim encontrar em antigos povos a devoção pelo deus-Sol e compreendi que, se alguns adoraram o astro porque dava vida à sua terra e à natureza, outros viram nesse corpo majestoso o símbolo de uma realidade maior.

Houve os que foram mais longe ainda e receberam desse centro incontáveis dons, que algumas vezes “desceram” como línguas de fogo sobre os inspirados; às vezes, como esferas luminosas; às vezes, como sarças ardentes que se apresentaram ante o temeroso crente.

XII. OS DESCOBRIMENTOS

O dia décimo:

Poucos, mas importantes, foram meus descobrimentos, que resumo deste modo:

1. A Força circula pelo corpo involuntariamente, mas pode ser orientada por um esforço consciente. A conquista de uma mudança dirigida no nível de consciência brinda ao ser humano um importante sinal de liberação das condições "naturais" que parecem impôr-se à consciência.

2. No corpo existem pontos de controle de suas diversas atividades.

3. Há diferenças entre o estado de desperto-verdadeiro e outros níveis de consciência.

4. Pode-se conduzir a Força ao ponto do real despertar (entendendo por "Força" a energia mental que acompanha determinadas imagens e por "ponto", a posição de uma imagem em um "lugar" do espaço de representação).

Estas conclusões me fizeram reconhecer nas orações dos povos antigos o germe de uma grande verdade que se obscureceu nos rituais e práticas externas, não podendo estes desenvolver o trabalho interno que, realizado com perfeição, põe o homem em contato com sua fonte luminosa. Finalmente, adverti que meus "descobrimentos" não eram tais, mas que se deviam à revelação interior à qual chega todo aquele que, sem contradições, busca a luz em seu próprio coração.

XIII. OS PRINCÍPIOS

Distinta é a atitude frente à vida e às coisas quando a revelação interna fere como o raio.

Seguindo os passos lentamente, meditando o dito e por dizer ainda, podes converter o sem-sentido em sentido. Não é indiferente o que faças com tua vida. Tua vida, submetida a leis, está exposta diante de possibilidades a escolher. Eu não te falo de liberdade. Falo-te de liberação, de movimento, de processo. Não te falo de liberdade como algo quieto, senão de liberar-se passo a passo, como vai se liberando do necessário caminho percorrido aquele que se aproxima de sua cidade. Então, "o que se deve fazer" não depende de uma moral distante, incompreensível e convencional, mas sim de leis: leis de vida, de luz, de evolução.

Eis aqui os chamados "Princípios" que podem ajudar na busca da unidade interior.

1. Ir contra a evolução das coisas é ir contra si mesmo.

2. Quando forças algo para um fim, produzes o contrário.

3. Não te oponhas a uma grande força. Retrocede até que ela se debilite; então, avança com resolução.

4. As coisas estão bem quando avançam em conjunto, não isoladamente.

5. Se para ti estão bem o dia e a noite, o verão e o inverno, superastes as contradições.

6. Se persegues o prazer, te acorrentas ao sofrimento. Mas, contanto que não prejudiques tua saúde, goza sem inibição quando a oportunidade se apresentar a ti.

7. Se persegues um fim, te acorrentas. Se tudo o que fazes, realizas como se fosse um fim em si mesmo, te liberas.

8. Farás desaparecer teus conflitos quando os entendas em sua última raiz, não quando queiras resolvê-los.

9. Quando prejudicas os demais, ficas acorrentado. Mas, se não prejudicas a

outros, podes fazer quanto queiras com liberdade.

10. Quando tratas aos demais como queres que te tratem, te liberas.

11. Não importa em que bando os acontecimentos te colocaram. O que importa é que compreendas que tu não escolhestes nenhum bando.

12. Os atos contraditórios ou unitivos se acumulam em ti; se repetes teus atos de unidade interna, já nada poderá deter-te.

Serás como uma força da Natureza que não encontra resistência a sua passagem. Aprende a distinguir aquilo que é dificuldade, problema ou inconveniente, daquilo que é contradição. Se aqueles te movem ou te incitam, esta te imobiliza num círculo fechado.

Quando encontres uma grande força, alegria e bondade em teu coração, ou quando te sintas livre e sem contradições, imediatamente agradece em teu interior. Quando te suceda o contrário, pede com fé e aquele agradecimento que acumulaste voltará convertido e ampliado em benefício.

XIV. O GUIA DO CAMINHO INTERNO

Se compreendeste o explicado até aqui, bem podes experimentar, mediante um simples trabalho, a manifestação da Força. Mas não é o mesmo observar uma posição mental mais ou menos correta (como se se tratasse de uma disposição ao que fazer técnico) a que assumas um tom e uma abertura emotiva próxima àquela que inspira os poemas. É por isso que a linguagem usada para transmitir estas verdades tende a facilitar esta postura, que põe com maior facilidade em presença da percepção interna, e não de uma idéia a respeito da "percepção interna".

Agora, segue com atenção o que vou explicar-te, já que trata sobre a paisagem interior que podes encontrar ao trabalhar com a Força e das direções que podes imprimir a teus movimentos mentais:

"Pelo caminho interno podes andar obscurecido ou luminoso. Atende às duas vias que se abrem diante de ti.

Se deixas que teu ser se lance a regiões obscuras, teu corpo ganha a batalha e ele domina. Então, brotarão sensações e aparências de espíritos, de forças, de lembranças. Por aí se desce mais e mais. Ali estão o Ódio, a Vingança, a Estranheza, a Possessão, o Ciúme, o Desejo de Permanecer. Se desces mais ainda, te invadirá a Frustração, o Ressentimento e todos aqueles devaneios e desejos que têm provocado ruína e morte à humanidade.

Se impulsionas teu ser em direção luminosa, encontrarás resistência e fadiga a cada passo. Esta fadiga da ascensão tem culpáveis. Tua vida pesa, tuas lembranças pesam, tuas ações anteriores impedem a ascensão. Esta escalada é difícil, pela ação de teu corpo que tende a dominar.

Nos passos da ascensão, encontram-se regiões estranhas de cores puras e de sons não conhecidos.

Não fujas da purificação que atua como o fogo e que horroriza com os seus fantasmas.

Rechaça o sobressalto e o desalento.

Rechaça o desejo de fugir para regiões baixas e obscuras.

Rechaça o apego às lembranças.

Fica em liberdade interior, com indiferença para o devaneio da paisagem, com resolução na ascensão.

A luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas de mil cores descem por entre melodias irreconhecíveis para os planaltos e as pradarias cristalinas.

Não temas a pressão da luz que te afasta de seu centro, cada vez mais fortemente. Absorve-a como se fosse um líquido ou um vento, porque nela, certamente, está a vida.

Quando na grande cadeia montanhosa encontres a cidade escondida, deves conhecer a entrada. Mas isso o saberás no momento em que tua vida seja transformada. Suas enormes muralhas estão escritas em figuras, estão escritas em cores, estão "sentidas". Nessa cidade, guarda-se o feito e o que se está por fazer... Mas para o teu olho interno, é opaco o transparente. Sim, os muros te são impenetráveis!

Toma a Força da cidade escondida. Volta ao mundo da vida densa com a tua fronte e tuas mãos luminosas."

XV. A EXPERIÊNCIA DE PAZ E A PASSAGEM DA FORÇA

1. Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a mente. Então, imagina uma esfera transparente e luminosa que, descendo até ti, termina por alojar-se em teu coração. Reconhecerás nesse momento que a esfera deixa de aparecer como imagem para transformar-se em sensação dentro do peito.

2. Observa como a sensação da esfera se expande lentamente desde teu coração para fora do corpo, ao mesmo tempo em que tua respiração se faz mais ampla e profunda. Ao chegar a sensação aos limites do corpo, podes deter ali toda a operação e registrar a experiência de paz interior. Nela podes permanecer o tempo que te pareça adequado. Então, faz retroceder essa expansão anterior (chegando, como no começo, ao coração) para desprender-te de tua esfera e concluir o exercício calmo e reconfortado. A este trabalho se chama "experiência de paz ".

3. Entretanto, se quiseres experimentar a passagem da Força, ao invés de retroceder na expansão, deverias aumentá-la, deixando que tuas emoções e todo teu ser a sigam. Não coloques tua atenção na respiração. Deixa que ela atue por si só, enquanto segues a expansão fora de teu corpo.

4. Devo repetir-te isto: tua atenção, em tais momentos, deve estar na sensação da esfera que se expande. Se não podes conseguir isto, convém que te detenhas e o tentes em outra oportunidade. De todas as maneiras, se não produzes a passagem, poderás experimentar uma interessante sensação de paz.

5. Se, entretanto, tens ido mais longe, começarás a experimentar a passagem. Desde tuas mãos e outras zonas do corpo te chegará um tom de sensação diferente ao habitual. Depois, perceberás ondulações progressivas e em pouco tempo brotarão com vigor imagens e emoções. Deixe, então, que se produza a passagem...

6. Ao receber a Força, perceberás a luz ou estranhos sons dependentes de teu particular modo de representação habitual. Em todo caso, importante será a experimentação da ampliação da consciência, cujo um dos indicadores deverá ser uma maior lucidez e disposição para compreender o que ocorre.

7. Quando desejes, podes terminar com este singular estado (se é que antes não foi diluindo-se pelo simples transcorrer), imaginando ou sentindo que a esfera se contrai e logo sai de ti, do mesmo modo que havia chegado ao começar com tudo aquilo.

8. Interessa compreender que numerosos estados alterados de consciência têm sido e são conseguidos, quase sempre, colocando em andamento mecanismos similares aos descritos. Assim, revestidos de estranhos rituais ou, às vezes, reforçados por práticas de esgotamento, desenfreio motriz, repetição e posturas que, em todos os casos, alteram a respiração e distorcem a sensação geral do intracorpo. Deves reconhecer neste campo a hipnose, a mediunidade e também a ação da droga que, atuando por outra via, produz similares alterações. E, certamente, todos os casos mencionados têm como signo o não controle e o desconhecimento do que ocorre. Desconfia de tais manifestações e considere-as como simples “transes” pelos quais têm passado os ignorantes, os experimentadores e ainda os “santos”, segundo contam as lendas.

9. Se tens trabalhado observando o recomendado, pode acontecer, não obstante, que não tenhas conseguido a passagem. Isto não pode converter-se em foco de preocupação, mas sim em indicador de falta de “soltura” interior, o que poderia refletir muita tensão, problemas na dinâmica de imagem e, em suma, fragmentação no comportamento emotivo... Coisa que, por outro lado, estará presente em tua vida cotidiana.

XVI. PROJEÇÃO DA FORÇA

1. Se tens experimentado a passagem da Força, poderás compreender como, baseando-se em fenômenos similares, mas sem nenhuma compreensão, distintos povos têm colocado em andamento ritos e cultos que logo se multiplicaram sem cessar. Por meio de experiências do tipo já comentado, muitas pessoas sentiram a seus corpos "desdobrados". A experiência da Força lhes deu a sensação de que, a esta energia podiam projetá-la fora de si .

2. A Força foi "projetada" a outros e também a objetos particularmente "aptos" para recebê-la e conservá-la. Confio em que não te será difícil entender a função que cumpriram certos sacramentos em distintas religiões e, igualmente, o significado de lugares sagrados e de sacerdotes supostamente "carregados" com a Força. Quando alguns objetos foram adorados com fé nos templos e cercados de cerimônia e rito, seguramente "devolveram" aos crentes a energia acumulada pela oração repetida. É uma limitação ao conhecimento do feito humano o fato de que quase sempre tenha se visto estas coisas pela explicação externa segundo cultura, espaço, história e tradição, quando a experiência interna básica é um dado essencial para entender tudo isto.

3. Este "projetar", "carregar" e "restituir" a Força voltará a ocupar-nos mais adiante. Mas, desde já te digo que o mesmo mecanismo continua operando, mesmo em sociedades dessacralizadas, onde os líderes e os homens de prestígio estão marcados de uma especial representação para aqueles que os vê, e quisera até "tocá-los", ou apoderar-se de um fragmento de suas roupas ou de seus utensílios.

4. Porque toda representação do "alto" vai do olho para cima da linha normal do olhar. E "altas" são as personalidades que "possuem" a bondade, a sabedoria e a força. E no "alto" estão as hierarquias e os poderes e as bandeiras e o Estado. E nós, comuns mortais, devemos "ascender" na escala social e aproximar-nos do poder a todo custo. Que mal estamos, manejados ainda por esses mecanismos que coincidem com a representação interna, com nossa cabeça no "alto" e nossos pés colados à terra. Que mal estamos, quando se crê nessas coisas (e se crê porque têm sua "realidade" na representação interna). Que mal estamos quando nosso olhar externo não é senão projeção ignorada do interno.

XVII. PERDA E REPRESSÃO DA FORÇA

1. As maiores descargas de energia se produzem por atos descontrolados. Estes são: a imaginação sem freio, a curiosidade sem controle, a conversação desmedida, a sexualidade excessiva e a percepção exagerada (olhar, ouvir, degustar, etc. de maneira desbordada e sem objetivo). Deves, porém, reconhecer também que muitos procedem desse modo porque descarregam suas tensões que, de outro modo, seriam dolorosas. Considerando isto, e vendo a função com que cumprem tais descargas, convirás comigo que não é razoável reprimi-las, mas, sim, ordená-las.

2. Quanto à sexualidade, deves interpretar corretamente isto: tal função não deve ser reprimida, porque neste caso cria efeitos mortificantes e contradição interna. A sexualidade se orienta e conclui em seu ato, mas não é conveniente que continue afetando a imaginação ou buscando novo objeto de possessão de modo obsessivo.

3. O controle do sexo por uma determinada "moral" social ou religiosa serviu a desígnios que nada tinham a ver com a evolução, senão com o contrário.

4. A Força (a energia da representação da sensação do intracorpo) se desdobrou em direção ao crepuscular nas sociedades reprimidas, e ali se multiplicaram os casos de "endemoninhados", "bruxos", sacrílegos e criminosos de toda laia que gozaram com o sofrimento e a destruição da vida e da beleza. Em algumas tribos e civilizações, os criminosos estavam divididos entre os que fizeram justiça e os justiçados. Em outros casos, tudo que era ciência e progresso foi perseguido porque se opunha ao irracional, ao crepuscular e ao reprimido.

5. Em certos povos primitivos, ainda existe a repressão do sexo, do mesmo modo como acontece com outros povos considerados de "civilização avançada". É evidente que, tanto nuns como noutros, o signo destrutivo é grande, ainda que nos dois casos a origem de tal situação seja distinta.

6. Se me pedes mais explicações, te direi que o sexo é, em realidade, santo, sendo ele o centro a partir do qual se impulsiona a vida e toda a criatividade. Assim como desde aí também se impulsiona toda destruição, quando seu funcionamento não está resolvido.

7. Jamais acredites nas mentiras dos envenenadores da vida, quando se referem ao sexo como algo desprezível. Ao contrário, nele há beleza e não é em vão que está relacionado com os melhores sentimentos do amor.

8. Sê cuidadoso, então, e considera-o como uma grande maravilha que se deve tratar com delicadeza, sem convertê-lo em fonte de contradição ou desintegração da energia vital.

XVIII. AÇÃO E REAÇÃO DA FORÇA

Expliquei-te anteriormente: "Quando encontres uma grande força, alegria e bondade em teu coração, ou quando te sintas livre e sem contradições, imediatamente agradece em teu interior".

1. "Agradecer" significa concentrar os estados de ânimo positivos associados a uma imagem, a uma representação. Esse estado positivo, assim ligado, permite que, em situações desfavoráveis, por evocar uma coisa, surja aquela que a acompanhou em momentos anteriores. Como, além disso, esta "carga" mental pode estar elevada por repetições anteriores, ela é capaz de desalojar emoções negativas que determinadas circunstâncias puderam impor.

2. Por tudo isso, do teu interior voltará ampliado em benefício aquilo que pedires, sempre que tenhas acumulado em ti numerosos estados positivos. E já não necessito repetir que este mecanismo serviu (confusamente) para "carregar fora" objetos ou pessoas, ou ainda, entidades internas que se "projetaram", acreditando-se que atenderiam rogos e pedidos.

XIX. OS ESTADOS INTERNOS

Deves adquirir agora suficiente percepção dos estados internos nos quais podes encontrar-te ao longo da tua vida e, particularmente, ao longo de teu trabalho evolutivo. Não tenho outra maneira de fazer a descrição, senão com imagens, (neste caso, alegorias). Estas, segundo me parece, têm por virtude concentrar "visualmente" estados de ânimo complexos. Por outro lado, a singularidade de encadear tais estados como se fossem distintos momentos de um mesmo processo, introduz uma variante nas descrições, sempre fragmentadas, a que nos acostumaram aqueles que se ocupam destas coisas.

1. O primeiro estado, no qual prevalece o sem-sentido (aquele que mencionamos no começo), será chamado "vitalidade difusa". Tudo se orienta pelas necessidades físicas, mas estas são confundidas, amiúde, com desejos e imagens contraditórias. Ali há escuridão nos motivos e nos afazeres. Se permanece nesse estado, vegetando, perdido entre formas variáveis. Deste ponto pode-se evoluir só por duas vias: a via da morte ou a de mutação.

2. A via da morte te coloca em presença de uma paisagem caótica e escura. Os antigos conheceram esta passagem e quase sempre a colocaram "abaixo da terra" ou nas profundezas abismais. Também alguns visitaram esse reino para depois "ressuscitar" em níveis luminosos. Capta bem isto de que "abaixo" da morte existe a vitalidade difusa. Talvez a mente humana relacione a desintegração mortal com posteriores fenômenos de transformação e, também, talvez associe o movimento difuso com o prévio ao nascimento. Se tua direção é de ascenso, a "morte" significa um rompimento com tua etapa anterior. Pela via da morte se ascende a outro estado.

3. Chegando a ele, encontra-se o refúgio da regressão. Daí abrem-se dois caminhos: o do arrependimento e aquele outro que serviu para a ascensão, ou seja: o caminho da morte. Se tomas o primeiro, é porque tua decisão tende a romper com tua vida passada. Se regressas pelo caminho da morte, recais nos abismos com essa sensação de círculo fechado.

4. Pois bem, te disse que havia outro caminho para escapar da vitalidade abismal, esse era o da mutação. Se escolhes essa via é porque queres emergir do teu penoso estado, mas sem que estejas disposto a abandonar alguns de seus aparentes benefícios. É, pois, um falso caminho, conhecido como o da "mão torta". Muitos monstros têm saído das profundezas desse tortuoso corredor. Eles têm querido tomar os céus por assalto sem abandonar os infernos e, portanto, têm projetado no mundo médio infinita contradição.

5. Suponho que, ascendendo desde o reino da morte e por teu consciente arrependimento, tens subido já à morada da tendência. Duas delgadas colunas sustentam tua morada: a conservação e a frustração. A conservação é falsa e instável. Caminhando por ela te iludes com a idéia de permanência, mas na realidade desces velozmente. Se tomas o caminho da frustração, tua subida é penosa, ainda que a única-não-falsa.

6. De fracasso em fracasso, podes chegar ao próximo descanso, que se chama "morada do desvio". Cuidado com as duas vias que tens agora adiante: ou tomas o caminho da resolução, que te leva à geração, ou tomas o do ressentimento, que te faz descer novamente até à regressão. Ali estás plantado frente ao dilema: ou te decides pelo labirinto da vida consciente, (e o fazes com resolução), ou regressas ressentido a tua vida anterior. São numerosos os que, não havendo conseguido superar-se, cortam ali suas possibilidades.

7. Mas tu, que tens ascendido com resolução, te encontras agora na pousada conhecida como "geração". Ali tens três portas: uma se chama "Caída", outra "Intento" e a terceira, "Degradação". A Caída te leva diretamente às profundezas, e só um acidente externo poderia empurrar-te até ela. É difícil que escolhas esta porta. Enquanto aquela da Degradação te leva indiretamente aos abismos, desandando caminhos numa sorte de espiral turbulenta no que reconsideras continuamente todo o perdido e todo o sacrificado ; este exame de consciência que leva à Degradação é, certamente, um falso exame no qual subestimas e desproporcionas algumas coisas que comparas. Tu comparas o esforço da ascensão com aqueles "benefícios" que tens abandonado. Mas, se olhas as coisas mais de perto, verás que não tens abandonado nada por este motivo, mas por outros. A Degradação começa, pois, falseando os motivos que, ao que parece, foram alheios à ascensão. Eu pergunto agora: O que atraiçoa a mente? Por acaso os falsos motivos de um entusiasmo inicial? Por acaso a dificuldade da empresa? Por acaso a falsa recordação de sacrifícios que não existiram, ou que foram impulsionados por outros motivos? Eu te digo e te pergunto agora: tua casa se incendiou faz tempo. Por este motivo decidiste pela ascensão. Ou pensas agora que por ascenderes é que ela se incendiou? Por acaso tens olhado um pouco o que aconteceu com outras casas dos arredores?... Não há dúvidas que deves escolher a porta do meio.

8. Sobe pela escada estreita do Intento e chegarás a uma cúpula instável. Dali, desloca-te por um corredor estreito e sinuoso que conhecerás como a "volubilidade", até chegar a um espaço amplo e vazio (como uma plataforma) que tem como nome: "espaço-aberto-da-energia".

9. Nesse espaço podes espantar-te pela paisagem deserta e imensa e pelo aterrador silêncio dessa noite transfigurada por enormes estrelas imóveis. Ali, exatamente sobre tua cabeça, verás cravada no firmamento a insinuante

forma da Lua Negra...uma estranha lua eclipsada que se opõe exatamente ao Sol. Ali deves esperar a alvorada, paciente e com fé, pois nada de mau pode ocorrer se te manténs calmo.

10. Poderia suceder em tal situação que quisesses conseguir uma saída imediata dali. Se isso acontece, poderias, às apalpadelas, encaminhar-te a qualquer lugar a fim de não esperar o dia prudentemente. Deves recordar que todo movimento ali (na escuridão) é falso e, genericamente, é chamado de "improvisação". Se, esquecendo-te do que agora menciono, começares a improvisar movimentos, tenha a certeza de que serias arrastado por um turbilhão entre caminhos e moradas até o fundo mais escuro da dissolução.

11. Que difícil deve ser para ti compreender que os estados internos estão encadeados uns aos outros! Se visses que lógica inflexível tem a consciência, perceberias que na situação descrita, aquele que improvisa às cegas fatalmente começa a degradar e a degradar-se; surgem depois nele os sentimentos de frustração e vai caindo depois no ressentimento e na morte, sobrevindo o esquecimento de tudo o que algum dia chegou a perceber.

12. Se na esplanada consegues alcançar o dia, surgirá ante teus olhos o radiante Sol que há de alumbrar-te pela primeira vez a realidade. Então verás que em todo o existente vive um Plano.

13. É difícil que caias dali, salvo que voluntariamente queiras descer até regiões mais escuras, para levar a luz às trevas.

Não é valioso desenvolver mais estes temas, porque sem experiência enganam, transportando ao campo do imaginário o realizável. Que sirva o dito até aqui. Se o explicado não te fosse útil, que poderias objetar, já que nada tem fundamento e razão para o ceticismo, próximo à imagem de um espelho, ao som de um eco, à sombra de uma sombra.

XX. A REALIDADE INTERIOR

1. Repara em minhas considerações. Nelas não haverás de intuir senão alegóricos fenômenos e paisagens do mundo externo. Mas também nelas há descrições reais, do mundo mental.

2. Tampouco deves crer que os “lugares” por onde passas em teu andar tenham algum tipo de existência independente. Semelhante confusão muitas vezes obscureceu profundos ensinamentos e assim, até hoje, alguns crêem que céus, infernos, anjos, demônios, monstros, castelos encantados, cidades remotas e outras coisas, têm uma realidade visível para os “iluminados”. O mesmo preconceito, mas com interpretação inversa, tem feito presa dos céticos sem sabedoria, que tomaram essas coisas por simples ilusões ou alucinações padecidas por mentes febris.

3. Devo repetir, então, que em tudo isso deves compreender que se trata de verdadeiros estados mentais, ainda que simbolizados com objetos próprios do mundo externo.

4. Toma em conta o dito e aprende a descobrir a verdade por trás das alegorias, que em ocasiões desviam a mente, mas que, em outras, traduzem realidades impossíveis de captar sem representação.

Quando se falou das cidades dos deuses, as quais quiseram alcançar numerosos heróis de diferentes povos; quando se falou de paraísos, em que deuses e homens conviviam em original natureza transfigurada; quando se falou de quedas e dilúvios, foi dita uma grande verdade interior.

Depois os redentores trouxeram suas mensagens e chegaram a nós em dupla natureza para restabelecer aquela nostálgica unidade perdida. Também, então, se disse uma grande verdade interior.

Não obstante, quando se disse tudo aquilo, colocando-o fora da mente, errou-se ou se mentiu.

Inversamente, o mundo externo, confundido com o olhar interior, obriga este a recorrer novos caminhos.

Assim, hoje voa até às estrelas o herói desta idade. Voa através de regiões antes ignoradas.Voa para fora de seu mundo e, sem sabê-lo, vai impulsionado até o interno e luminoso centro.

A EXPERIÊNCIA

OFÍCIO

Realiza-se a pedido de um conjunto de pessoas.

Oficiante: Minha mente está inquieta.

Conjunto: Minha mente está inquieta.

Oficiante: Meu coração sobressaltado.

Conjunto: Meu coração sobressaltado.

Oficiante: Meu corpo tenso.

Conjunto: Meu corpo tenso.

Oficiante: Afrouxo meu corpo, meu coração e minha mente.

Conjunto: Afrouxo meu corpo, meu coração e minha mente.

No possível, os participantes estão sentados. O Auxiliar se levanta e cita um Princípio ou pensamento de "O Olhar Interior" de acordo às circunstâncias, convidando a meditação sobre o mesmo. Passam uns minutos e finalmente o Oficiante de pé, lê lentamente as seguintes frases, detendo-se em cada uma delas.

Oficiante: Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a mente...

Então, imagina uma esfera transparente e luminosa que descendo até ti, termina por alojar-se em teu coração...

Reconhecerás que a esfera começa a transformar-se em uma sensação expansiva dentro de teu peito...

A sensação da esfera se expande desde teu coração para fora do corpo, ao

mesmo tempo em que amplias tua respiração...

Em tuas mãos e no resto do corpo terás novas sensações...

Perceberás ondulações progressivas e brotarão emoções e lembranças positivas...

Deixa que se produza a passagem da Força livremente. Essa Força que dá energia a teu corpo e mente...

Deixe que a Força se manifeste em ti...

Tenta ver sua luz dentro de teus olhos e não impeças que ela atue por si própria...

Sente a Força e sua luminosidade interna...

Deixa que se manifeste livremente...

Auxiliar: Com esta Força que recebemos, concentremos a mente no cumprimento daquilo que necessitamos realmente...

Convida a todos a ficarem de pé para que efetuem o Pedido. Depois transcorre um tempo.

Oficiante: Paz, Força e Alegria!

Conjunto: Também para você, Paz, Força e Alegria.

IMPOSIÇÃO

Realiza-se a pedido de uma ou várias pessoas. Oficiante e Auxiliar estão de pé.

Oficiante: Minha mente está inquieta.

Conjunto: Minha mente está inquieta.

Oficiante: Meu coração sobressaltado.

Conjunto: Meu coração sobressaltado.

Oficiante: Meu corpo tenso.

Conjunto: Meu corpo tenso.

Oficiante: Afrouxo meu corpo, meu coração e minha mente.

Conjunto: Afrouxo meu corpo, meu coração e minha mente.

Oficiante e Auxiliar sentam-se, deixando transcorrer um tempo. O Oficiante fica de pé.

Oficiante: Se queres receber a Força deves compreender que no momento da Imposição começarás a experimentar novas sensações. Perceberás ondulações progressivas e brotarão emoções e lembranças positivas. Quando isso acontecer, deixe que se produza a passagem da Força livremente...

Deixe que a Força se manifeste em ti e não impeças que ela atue por si própria...

Sente a Força e sua luminosidade interna...

Deixe que se manifeste livremente...

Depois de um tempo, o Auxiliar fica de pé.

Auxiliar: Quem deseje receber a Força, pode ficar de pé.

O Auxiliar convida, de acordo ao número de participantes a permanecerem de pé ao lado dos assentos ou a formar um círculo ao redor do Oficiante. Passado um momento, o Oficiante começa a Imposição. O Auxiliar, se for o caso, facilita os deslocamentos dos participantes e ocasionalmente acompanha a alguns até seus assentos. Terminada a Imposição, dá-se um tempo de assimilação da experiência.

Auxiliar: Com esta Força que recebemos, concentremos a mente no cumprimento daquilo que necessitamos realmente, ou bem concentremos a mente naquilo que alguém muito querido necessita realmente.

Convida a todos a ficarem de pé para que efetuem silenciosamente seus pedidos. Em algumas ocasiões, algum dos participantes formula um Pedido para alguém presente ou ausente.

Transcorre um tempo.

Oficiante: Paz, Força e Alegria!

Conjunto: Também para você, Paz, Força e Alegria.

BEM ESTAR

Realiza-se a pedido de um conjunto de pessoas. Os participantes, no possível, sentados. Oficiante e Auxiliar de pé.

Auxiliar: Aqui estamos reunidos para recordar a nossos seres queridos. Alguns deles tem dificuldades em sua vida afetiva, em sua vida de relação ou em sua saúde. Para eles dirigimos nossos pensamentos e nossos melhores desejos.

Oficiante: Confiamos em que chegue até eles nosso pedido de bem estar. Pensamos em nossos seres queridos; sentimos a presença de nossos seres queridos e experimentamos o contato com nossos seres queridos.

Auxiliar: Tomaremos um pequeno tempo para meditar nas dificuldades que padecem essas pessoas...

Dá-se alguns minutos para que os participantes possam meditar.

Oficiante: Queremos agora que aquelas pessoas possam sentir nossos melhores desejos. Uma onda de alívio e bem estar deve chegar até elas...

Auxiliar: Tomaremos um pequeno tempo para localizar mentalmente a situação de bem estar que desejamos a nossos seres queridos.

Dá-se alguns minutos para que os participantes possam concentrar sua mente.

Oficiante: Concluiremos esta cerimônia dando a oportunidade, àqueles que assim o desejem, de sentirem a presença daqueles seres muito queridos que, *ainda que não estejam aqui em nosso tempo e em nosso espaço*, se relacionam conosco na experiência do amor, da paz, e da cálida alegria...

Dá-se um pequeno tempo.

Oficiante: Isto tem sido bom para outros, reconfortante para nós e inspirador para nossas vidas. Saudamos a todos, imersos nesta corrente de bem estar, reforçada pelos bons desejos dos aqui presentes.

PROTEÇÃO

Cerimônia de participação individual ou coletiva. Todos de pé. Oficiante e Auxiliar frente às crianças, e estes rodeados pelos participantes.

Auxiliar: Esta cerimônia tem por objetivo dar participação às crianças em nossa comunidade.

Desde antigamente, as crianças têm sido objeto de cerimônias tais como batismos, imposições de nome, etc. Mediante elas tem-se reconhecido a mudança de situação, a mudança de etapa no ser humano.

Existiram e existem certas formalidades civis, mediante as quais consta o nascimento, lugar em que ocorreu, etc. Mas a transcendência espiritual que acompanha a uma cerimônia deste tipo nada tem a ver com a frieza das circunstâncias escritas, senão que está ligada ao júbilo dos pais e da comunidade, ao serem apresentadas as crianças publicamente.

Esta é uma cerimônia mediante a qual o estado da criança muda, ao converter-se em participante de uma comunidade que se compromete a responsabilizar-se por elas, no caso de que desafortunadas circunstâncias as deixassem desamparadas.

Nesta cerimônia pede-se proteção para as crianças e a comunidade as acolhe como novos filhos.

Passado um tempo, o Oficiante dirige-se amavelmente aos presentes.

Oficiante: Pedimos proteção para estas crianças.

Auxiliar: Acolhemo-las com júbilo e nos comprometemos a dar-lhes proteção.

Oficiante: Elevemos agora nossos melhores desejos... Paz e alegria para todos!

Impõe amavelmente uma mão sobre a cabeça de cada criança e a beija na testa.

MATRIMÔNIO

Todos de pé. Um ou vários casais. Oficiante e Auxiliar de frente para os casais.

Auxiliar: Desde tempos remotos, os casamentos têm sido cerimônias de mudança de estado das pessoas.

Quando alguém termina ou começa uma nova etapa da vida, costuma acompanhar essa situação com um determinado ritual. Nossa vida pessoal e social está ligada a rituais mais ou menos aceitos pelos costumes. Fazemos nossas saudações pela manhã, distintas às da noite; damos a mão a um conhecido; festejamos um aniversário, uma formatura escolar ou uma mudança de trabalho. Nossos esportes estão acompanhados de ritual e nossas cerimônias religiosas, partidárias e cívicas nos colocam na situação adequada segundo seja o caso.

O matrimônio é uma mudança importante no estado das pessoas e em todas as nações tal fato exige certas formalidades legais. Quer dizer que a relação conjugal coloca os consortes em uma nova situação em relação à comunidade e ao Estado. Mas quando um casal estabelece vínculos conjugais, o faz pensando em um novo estilo de vida, o faz com sentimento profundo e não com espírito formal.

Há, por conseguinte, nesta cerimônia de mudança de estado, a intenção de estabelecer um vínculo novo e no possível, duradouro com outra pessoa. Há o desejo de receber do outro o melhor e dar ao outro o melhor. Há a intenção de levar o vínculo mais longe, trazendo ao mundo ou adotando crianças.

Vendo assim o casamento, concedemos importância à legalidade do vínculo, mas quanto ao sentido espiritual e emocional, dizemos que unicamente os cônjuges dão significado a esta cerimônia.

Em outras palavras. Esta cerimônia coloca dois seres humanos em situação de empreender uma vida nova e é nesta cerimônia que os contraentes realizam essa profunda união de acordo a seu próprio sentir.

Nós não casamos, mas sim eles é que se casam diante de nossa comunidade.

Oficiante: E para que esta cerimônia seja própria e verdadeira, perguntamos: (*dirigindo-se a um membro do casal*) O que é para você o

matrimônio?

Quem é demandado explica em voz alta...

Oficiante: *(Dirigindo-se ao outro membro).* O que é para você o matrimônio?

Quem é demandado explica em voz alta...

Oficiante: Conseqüentemente, este matrimônio será de acordo aos desejos expressados e as intenções mais profundas. (Saúda afetuosamente ao/aos casal/casais).

ASSISTÊNCIA

Esta é uma cerimônia de muito afeto e exige que quem a realize dê o melhor de si.

A cerimônia pode repetir-se a pedido do interessado ou daqueles que cuidam dele.

O Oficiante a sós com o moribundo.

Qualquer que seja o aparente estado de lucidez ou inconsciência do moribundo, o Oficiante se aproxima dele falando com voz suave, clara e pausada.

Oficiante: As recordações de sua vida são o juízo de tuas ações. Podes, em pouco tempo, recordar muito do melhor que há em ti. Recorda então, mas sem sobressalto e purifica tua memória. Recorda suavemente e tranqüiliza tua mente...

Se faz silêncio por alguns minutos, retomando depois a palavra com o mesmo tom e intensidade.

Rechaça agora o sobressalto e o desalento...

Rechaça agora o desejo de fugir para regiões obscuras...

Rechaça agora o apego às lembranças...

Permanece agora em liberdade interior, com indiferença para o devaneio da paisagem...

.....

Toma agora a resolução do ascenso...

A Luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas das mil cores descem entre melodias irreconhecíveis para planaltos e pradarias cristalinas...

Não temas a pressão da Luz que te afasta de seu centro cada vez mais fortemente. Absorve-a como se fosse um líquido ou um vento, porque nela, certamente, está a vida...

Quando na grande cadeia montanhosa encontres a cidade escondida, deves conhecer a entrada. Mas isto saberás no momento em que tua vida seja transformada. Suas enormes muralhas estão escritas em figuras, estão escritas em cores, estão “sentidas”. Nesta cidade guarda-se o feito e o por fazer...

Se faz um breve silêncio, retomando logo a palavra com o mesmo tom e intensidade.

Estás reconciliado...

Estás purificado...

Prepara-te para entrar na mais formosa Cidade da Luz, nesta cidade jamais percebida pelo olho, nunca escutada em seu canto pelo ouvido humano...

Vem, prepara-te para entrar na mais formosa Luz...

MORTE

Oficiante: A vida cessou neste corpo. Devemos fazer um esforço para separar em nossa mente a imagem deste corpo e a imagem de quem agora recordamos...

Este corpo não nos escuta, este corpo não é quem nós recordamos.

Aquele que não sinta a presença de outra vida separada do corpo, considere que ainda que a morte tenha paralisado o corpo, as ações realizadas seguem atuando e sua influência não se deterá jamais. Esta cadeia de ações desatadas em vida não pode ser detida pela morte. Que profunda é a meditação em torno a esta verdade, ainda que não se compreenda totalmente a transformação de uma ação em outra!

E aquele que sente a presença de outra vida separada, considere igualmente que a morte somente paralisou o corpo; que a mente uma vez mais se liberou triunfalmente e abre-se passagem para a Luz...

Seja qual for o nosso parecer, não choremos os corpos. Mas meditemos profundamente na raiz de nossas crenças e uma suave e silenciosa alegria chegará até nós...

Paz no coração, luz no entendimento!

RECONHECIMENTO

O Reconhecimento é uma cerimônia de inclusão na comunidade. Inclusão por experiências comuns, por ideais, atitudes e procedimentos compartilhados.

Realiza-se a pedido de um conjunto de pessoas e logo após um Ofício.
Aqueles que participarão devem contar com o texto escrito.

Oficiante e Auxiliar de pé.

Auxiliar: A realização desta cerimônia foi pedida por aquelas pessoas que desejam incluir-se ativamente em nossa comunidade. Aqui se expressará um compromisso pessoal e conjunto para trabalhar pela melhoria da vida de cada um e pela melhoria da vida de nosso próximo.

O auxiliar convida àqueles que desejam dar testemunho a ficarem de pé.

Oficiante: A dor e o sofrimento que experimentamos os seres humanos retrocederão se avança o bom conhecimento, não o conhecimento a serviço do egoísmo e da opressão.

O bom conhecimento leva à justiça.

O bom conhecimento leva à reconciliação.

O bom conhecimento leva, também, a decifrar o sagrado na profundidade da consciência.

Auxiliar (e conjunto daqueles que testemunham, lendo):

Consideramos ao ser humano como máximo valor acima do dinheiro, do Estado, da religião, dos modelos e dos sistemas sociais.

Impulsionamos a liberdade de pensamento.

Propiciamos a igualdade de direitos e a igualdade de oportunidades para todos os seres humanos.

Reconhecemos e alentamos a diversidade de costumes e culturas.

Nos opomos a toda discriminação.

Consagramos a resistência justa contra toda forma de violência física, econômica, racial, religiosa, sexual, psicológica e moral.

Oficiante: Por outra parte, assim como ninguém tem direito de discriminar a outros por sua religião ou sua irreligiosidade, reclamamos para nós o direito a proclamar nossa espiritualidade e crença na imortalidade e no sagrado.

Nossa espiritualidade não é a espiritualidade da superstição, não é a espiritualidade da intolerância, não é a espiritualidade do dogma, não é a espiritualidade da violência religiosa; é a espiritualidade que tem despertado de seu profundo sono para nutrir aos seres humanos em suas melhores aspirações.

Auxiliar (e conjunto daqueles que testemunham, lendo):

Queremos dar coerência a nossas vidas fazendo coincidir o que pensamos, sentimos e fazemos.

Desejamos superar a má consciência reconhecendo nossos fracassos.

Aspiramos a persuadir e a reconciliar .

Nos propomos dar crescente cumprimento a essa regra que nos recorda "tratar aos demais como queremos ser tratados".

Oficiante: Começaremos uma vida nova.

Buscaremos em nosso interior os signos do sagrado e levaremos a outros nossa mensagem.

Auxiliar (e conjunto daqueles que testemunham, lendo):

Hoje começaremos a renovação de nossa vida. Começaremos buscando a paz mental e a Força que nos dê alegria e convicção. Depois, iremos até as pessoas mais próximas para compartilhar com elas todo o grande e bom que nos tem acontecido.

Oficiante: Para todos Paz, Força e Alegria.

Auxiliar (e todos os presentes):
Também para você, Paz, Força e Alegria.

O CAMINHO

Se acreditas que tua vida termina com a morte, o que pensas, sentes e fazes não tem sentido. Tudo termina na incoerência, na desintegração.

Se acreditas que tua vida não termina com a morte, deve coincidir o que pensas com o que sentes e com o que fazes. Tudo deve avançar para a coerência, para a unidade.

Se és indiferente à dor e ao sofrimento dos demais, toda ajuda que peças não encontrará justificativa.

Se não és indiferente à dor e ao sofrimento dos demais, deves fazer que coincida o que sentes com o que penses e faças para ajudar a outros.

Aprende a tratar os demais do modo em que queres ser tratado.

Aprende a superar a dor e o sofrimento em ti, em teu próximo e na sociedade humana.

Aprende a resistir à violência que há em ti e fora de ti.

Aprende a reconhecer os signos do sagrado em ti e fora de ti.

Não deixes passar tua vida sem perguntar-te: “Quem sou?”

Não deixes passar tua vida sem perguntar-te: “Para onde vou?”

Não deixes passar um dia sem responder-te quem és.

Não deixes passar um dia sem responder-te para onde vais.

Não deixes passar uma grande alegria sem agradecer em teu interior.

Não deixes passar uma grande tristeza sem reclamar em teu interior aquela alegria que ficou guardada.

Não imagines que estás só em teu povo, em tua cidade, na Terra e nos infinitos mundos.

Não imagines que estás acorrentado a este tempo e a este espaço.

Não imagines que em tua morte se eterniza a solidão.

ÍNDICE

O Livro.....3
I. A Meditação.....4
II. Disposição para compreender.....5
III. O sem sentido.....6
IV. A Dependência.....7
V. Suspeita do sentido.....8
VI. Sono e despertar.....9
VII. Presença da Força.....10
VIII. Controle da Força.....11
IX. Manifestações da energia.....12
X. Evidência do sentido.....13
XI. O centro luminoso.....14
XII. Os descobrimentos.....15
XIII. Os princípios.....16
XIV. O guia do caminho interno.....18
XV. A experiência de Paz e a passagem da Força.....20
XVI. Projeção da Força.....22
XVII. Perda e repressão da Força.....23
XVIII. Ação e reação da Força.....25
XIX. Os estados internos..... 26
XX. A realidade interior.....29
A Experiência.....31
Ofício.....32
Imposição.....34
Bem estar.....36
Proteção.....37
Matrimônio.....38
Assistência.....40
Morte.....42
Reconhecimento.....43
O Caminho.....46